Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

PUC-SP

MAURÍCIO JOSUÉ FERNANDES DA CUNHA

ANÁLISE DOS ASPECTOS INTERDISCURSIVOS NOS QUADRINHOS DAS QUESTÕES DO ENEM

São Paulo

2014

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

PUC-SP

MAURÍCIO JOSUÉ FERNANDES DA CUNHA

ANÁLISE DOS ASPECTOS INTERDISCURSIVOS NOS QUADRINHOS DAS QUESTÕES DO ENEM

Monografia, sob orientação da Prof. Dra. Lílian Ghiuro Passarelli, apresentada à PUC - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - como condição parcial para a conclusão do curso de Especialização em Língua Portuguesa.

São Paulo

2014

AGRADECIMENTOS

A Deus, que me deu força e perseverança para chegar ao término da pesquisa.

Aos meus irmãos, base de toda a minha formação pessoal.

A todos os amigos que me ajudaram, de alguma forma, a percorrer este caminho, dando-me estímulo, incentivo e carinho.

Ao Colégio Jardim São Paulo e ao Colégio Pop, por serem excelentes empregadores e fornecerem o suporte necessário para que eu pudesse conciliar trabalho e estudo.

Aos professores da pós-graduação da PUC-SP, pela importante contribuição em minha formação acadêmica.

Um agradecimento especial à professora e amiga Fernanda Estácio, pelo apoio incondicional e por ser o ombro amigo de todas as horas.

Um agradecimento especialíssimo à minha orientadora Lílian Ghiuro Passarelli, pela presença constante, pela compreensão, pelas sugestões e análises, pelo profissionalismo, pelo incentivo nos momentos mais difíceis e pela plena confiança depositada em mim durante todo o processo da monografia.

E, por fim, in memorian, ao meu pai e à minha mãe, que hoje se encontram em outro plano, mas que ficariam imensamente felizes em testemunhar mais uma etapa da minha vida acadêmica sendo concluída.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS 04

1. FUNDAMENTOS TEÓRICOS 08
1.1 CRITÉRIOS DE TEXTUALIDADE..... 08
1.2 DA TEXTUALIDADE AO INTERDISCURSO..... 09

2. A RELAÇÃO QUADRINHOS-LINGUAGEM..... 17
2.1 QUADRINHOS – UMA BREVE HISTÓRIA..... 17
2.2 QUADRINHOS – ELEMENTOS COMPOSICIONAIS..... 18
2.3 QUADRINHOS – O USO EM ÂMBITO PEDAGÓGICO..... 19
2.4 OS TIPOS DE QUADRINHOS..... 20

3. SELEÇÃO DO *CORPUS* 24

4. ANÁLISE DO *CORPUS* 25

CONSIDERAÇÕES FINAIS 54

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 56

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A linguagem é o meio pelo qual o homem interage com o mundo que o cerca; ser capaz de se comunicar adequadamente nos inúmeros contextos e condições presentes no dia a dia é requisito fundamental para os falantes da língua materna. Assim, por meio da linguagem, o sujeito torna-se capaz de aperfeiçoar a si mesmo nos mais diversos aspectos, entre eles sua cidadania, seu papel social e sua visão de mundo.

Nossa experiência na docência para o Ensino Médio leva-nos a pensar no papel do professor como sendo um coagente para esse árduo caminho do estudante rumo a uma posição social mais relevante. O antigo modelo do professor dominador, responsável pela retenção do conhecimento, não se justifica nos tempos modernos. Cabe ao docente tentar estimular a reflexão dos alunos, aguçando-lhes o sentido crítico a fim de ter melhor compreensão dos fatos que permeiam nossa sociedade. É essa capacidade crítica que auxiliará os alunos a obter um resultado mais consistente nos processos seletivos rumo à universidade.

Até pouco tempo, os vestibulares tradicionais constituíam a única forma efetiva de um aluno oriundo do ensino médio, antigo segundo grau, chegar à universidade. Com o "boom" das universidades particulares, o aumento das instituições públicas educacionais e, consequentemente, a ampliação do número de vagas, novas maneiras de ingresso às universidades surgiram por todo o país, dentre elas o Enem, a mais importante de todas.

O Enem – Exame Nacional do Ensino Médio – surgiu em 1998 como uma avaliação das escolas de ensino médio no país e, posteriormente, como forma de propiciar aos alunos, principalmente àqueles de baixa renda, uma oportunidade de introdução aos cursos superiores sem que se fosse necessário recorrer aos tradicionais exames vestibulares. Por meio do Enem, o aluno pode conseguir bolsas de estudo integrais ou parciais ou mesmo financiamentos por meio de programas educacionais do governo federal, além de servir como certificado de conclusão aos alunos de cursos EJA (Escola de Jovens e Adultos).

Há que se destacar as modificações dos aspectos de leitura dos nossos alunos nos dias de hoje, uma vez que esses alunos, embora pertençam a uma geração bastante acostumada à linguagem audiovisual, possuem grande dificuldade no campo interpretativo dos discursos textuais. É bastante comum, durante nossa docência, discutirmos com os alunos quais os elementos presentes em determinada questão do gênero quadrinhos, quer seja em um livro

didático, quer seja em uma prova de vestibular, analisando aspectos gramaticais, linguísticos, verbais e não verbais, e, a partir disso, repassar os conceitos exigidos.

Assim, o tema proposto, haja vista a sua proximidade e a nossa experiência com a prática docente, torna-se naturalmente objeto de nossa pesquisa.

Considerando a importância de estudos mais aprofundados sobre questões específicas do Enem, chegamos ao tema de pesquisa: Os aspectos interdiscursivos dos quadrinhos nas avaliações do Enem.

A pesquisa justifica-se pela relevância que os estudos relativos à interdiscursividade presentes nos quadrinhos constituem para o público geral e pela importância que os estudos relativos ao Enem representam aos alunos do ensino médio em particular.

Partindo de dados do MEC, Ministério da Educação, salientamos que a avaliação do Enem para o ano de 20013 teve um índice recorde de inscritos, totalizando mais de 7 milhões de alunos. Um exame de tal dimensão requer estudos constantes em relação à sua elaboração e às especificidades de cada disciplina.

Sabemos que o Enem é altamente representativo no planejamento de qualquer escola. Desde o início do ano, alunos, professores e direção de colégios públicos e particulares orientam os alunos sobre as dificuldades do exame e quais os principais tópicos abordados nas provas anteriores. Parece-nos que essa orientação carece de embasamento científico, de modo que ainda são necessárias pesquisas específicas sobre o assunto, a fim de fornecer aos professores e alunos subsídios mais consistentes que visem a auxiliar o processo ensino-aprendizagem.

Nesse sentido, faz-se necessário um estudo de maior amplitude sobre o gênero textual quadrinhos e suas implicações discursivas, por constituir um gênero bastante popular e familiar ao público-leitor, e ser amplamente utilizado como recurso pedagógico não só nos exames do ENEM, como também nas apostilas escolares, livros didáticos, exames vestibulares em geral e, em menor amplitude, nos concursos.

Cremos que nossa pesquisa contribuirá ao público-leitor no sentido de proporcionar respostas pertinentes quanto aos processos envolvidos no grande número de questões envolvendo quadrinhos na prova de linguagens e códigos do Enem. Questões que costumam ser debatidas entre professores e requerem algumas respostas não só quanto aos conceitos

exigidos pelos estudantes, mas também quanto à eficácia desse procedimento e à real interação entre texto e imagem, entre os aspectos verbais e não verbais.

Assim, explorar os quadrinhos nas questões do Enem e estabelecer inferências, reconhecer aspectos discursivos anteriores ao texto e interpretar de modo coerente suas implicações fazem com que as análises interdiscursivas nestas questões sejam objeto obrigatório de estudos mais aprofundados, dando origem, assim, à pesquisa aqui proposta.

Nossa pesquisa nortear-se-á por alguns dos mais expressivos teóricos da linguagem no que tange ao estudo da interdiscursividade e suas implicações, tais como Bakthin, Maingueneau, etc.

Buscaremos, ainda, conceituar as principais características presentes no gênero textual quadrinhos a partir das análises de Vergueiro (2005), para quem os quadrinhos reúnem as mais diversas expressões culturais a partir da combinação de elementos verbais e visuais, e de Araújo, Costa e Costa (2004), que enfatizam a ideia de que os quadrinhos apresentam elementos composicionais perfeitamente úteis para a prática educativa.

Enfim, os aspectos gramaticais sob o âmbito da interdiscursividade, a intertextualidade e o gênero textual quadrinhos serão os principais tópicos abordados na pesquisa, sustentados pelos referenciais teóricos apontados acima, a fim de verificar as diversas competências interdiscursivas requeridas pelo Enem.

Convém lembrar que, como qualquer pesquisa em seu âmbito inicial, o presente objeto de estudo está sujeito a alterações diversas durante o seu curso, principalmente com as sugestões futuras do orientador a fim de alcançar o resultado esperado.

A fim de deixarmos nossa pesquisa mais acurada, restringiremos o estudo à análise de aspectos interdiscursivos presentes no gênero quadrinhos, haja vista ser esse um recurso recorrentemente utilizado pelo MEC na elaboração do exame.

Por uma questão operacional, restringiremos nossa pesquisa a uma seleção de questões propostas nos exames do ENEM nos últimos dez anos. Essa amostra irá compor o nosso *corpus*, do qual faremos ainda um recorte das questões envolvendo o uso de quadrinhos a fim de analisarmos a presença de aspectos interdiscursivos, compondo assim um *corpus* de natureza qualitativa.

Em nossa pesquisa, buscaremos demonstrar a importância do gênero quadrinhos, destacando seus aspectos constitutivos e linguísticos e analisando sua expansão desde sua origem nos jornais até o uso recorrente em provas e vestibulares.

Por fim, iremos estabelecer as distinções que se fazem necessárias entre os conceitos de interdiscursividade e intertextualidade, à luz do referencial teórico mencionado anteriormente, a fim de demonstrar os conteúdos fundamentais recorrentes exigidos aos alunos nesse tipo de questões.

1. FUNDAMENTOS TEÓRICOS

O presente trabalho está ancorado em conceitos elaborados por especialistas renomados no campo linguístico. A fim de se obter maior precisão em seu resultado final, apresentamos neste tópico alguns desses conceitos que nortearam nossa pesquisa.

Principiamos com a própria definição de textualidade, uma vez que o próprio juízo da palavra é alvo de discordância entre os especialistas. Entendemos a textualidade como a abrangência de um determinado texto, suas relações implícitas e explícitas, seus pressupostos e subentendidos.

Durante um tempo, o texto era tratado quase que exclusivamente em seu âmbito frasal. Depois surgiram as análises transfrásticas e as chamadas gramáticas do texto e teorias do texto. Esses estudos resultaram nas teorias de coesão textual, em âmbito gramatical, acrescentadas posteriormente, em meados dos anos 80, pelas teorias de coerência textual, em âmbito cognitivo. Após esse período, surgem novas e instigantes teorias sobre o sentido do texto, tratando-o de um modo mais amplo e complexo, visando, sobretudo, à sua interação com o público-leitor.

1.1 CRITÉRIOS DE TEXTUALIDADE

Surgem as teorias argumentativas, que rediscutem o que é o sujeito e o papel do homem no contexto linguístico. A linguística textual passa a tratar o texto em suas macroestruturas, retirando o foco da mera relação coesão-coerência.

Beaugrande (1997) dirá que o texto é um evento comunicativo do qual emergem ações cognitivas, linguísticas e textuais – em outras palavras, unidade passa a ser a palavra-chave.

Algo próximo do conceito linguístico estabelecido por Marcuschi (2008), que entendia a linguística textual como uma série de operações linguísticas, discursivas e cognitivas que regulam e controlam a produção de textos escritos ou orais em contextos reais.

Surgem os chamados critérios de textualidade, ou seja, um texto para ser denominado como tal deve obedecer a alguns critérios previamente estabelecidos, a saber:

1. Informatividade – Um texto não pode ter nem alto, nem baixo grau de informatividade, ou seja, não deve ser repleto de termos específicos e científicos, que o tornariam ilegível, nem

deve ser completamente óbvio e sem novas informações, o que o transformaria em um pseudotexto.

2. Intencionalidade – Todo texto tem um propósito. Aqui o foco está no autor e em suas intenções ao produzir determinado texto.

3. Aceitabilidade – Agora o foco é no leitor, nas atitudes do receptor diante do texto apresentado.

4. Situacionalidade – O contexto em que o texto é compreendido, a relação autor-leitor e seu âmbito de entendimento.

5. Intertextualidade – As diversas interações entre o texto e o mundo externo; em geral, um outro texto ou situações pré-estabelecidas que requerem um conhecimento prévio do leitor.

6. Coesão – Em âmbito gramatical; a forma como os elementos se interligam a fim de se formar uma unidade.

7. Coerência – Em âmbito cognitivo; a forma como os elementos formam o sentido, dando unidade significativa ao texto.

1.2 DA TEXTUALIDADE AO INTERDISCURSO

A interdiscursividade estabelece uma situação comunicativa entre o locutor e o interlocutor. Associações implícitas e explícitas fazem parte desse processo e levam em consideração conhecimentos prévios adquiridos pelo enunciante. Desse modo, todo discurso possui conotações latentes a serem desenleadas, conforme preconiza Maingueneau (2002, p.39): “Um discurso não vem ao mundo numa inocente solitude, mas constrói-se através de um já-dito em relação ao qual toma posição.”

Sabe-se que toda situação comunicativa alicerça-se em dois pontos essenciais: a intencionalidade produzida pelo autor do discurso e a receptividade de seu interlocutor. Em uma situação comunicativa bem-sucedida, depreende-se que tanto o autor quanto o receptor estabeleceram plenamente os atos comunicativos. Uma vez que o interdiscurso opera com questões exteriores ao texto, é necessário um processo de inferência por parte do interlocutor para que a comunicação seja bem-sucedida.

Para nosso estudo, remetemos à origem dos conceitos intertextuais a partir do termo dialogismo, cunhado por Bakhtin (1992, p.319) ao afirmar que "todo discurso dialoga com outro discurso e toda palavra é cercada de outras palavras". Esse dialogismo entre os discursos constitui o que se chama de interdiscursividade. Ora, nesse processo interdiscursivo torna-se fundamental analisar os contextos de produção e assimilação, quer sejam sociais, históricos, ideológicos ou culturais a fim de que se estabeleça a situação comunicativa, conforme também preconizara Bakhtin (*apud* Brandão, 1995, p.53):

> Um enunciado vivo, significativamente surgido em um momento histórico e em um meio social determinados, não pode deixar de tocar em milhares de fios dialógicos vivos, tecidos pela consciência sócio-ideológica em torno do objeto e de participar ativamente do diálogo social. De resto, é dele que o enunciado saiu: ele é como sua continuação, sua réplica...

Entendemos que se faz necessário estabelecer algumas diferenças entre o conceito de interdiscursividade aplicado no presente estudo com outros termos afins que comumente são apresentados em análises interdiscursivas. A intertextualidade, por exemplo, apresenta um grau de similaridade considerável com o interdiscurso, porém há de se considerar o âmbito de atuação de cada um. Assim como o interdiscurso, a intertextualidade requer que o interlocutor consiga compor teias de significações explícitas e implícitas, no entanto, compreende-se que essa composição está mais limitada à esfera textual, ao passo que o interdiscurso extrapola os meros limites do texto. Tem-se assim a intertextualidade como uma variante da interdiscursividade, conforme analisa Fiorin:

> [...] é possível distinguir interdiscursividade e intertextualidade [...] chamaremos qualquer relação dialógica, na medida em que é uma relação de sentido, interdiscursiva. O termo intertextualidade fica reservado apenas pra os casos em que a relação discursiva é materializada em textos. Isso significa que a intertextualidade pressupõe sempre uma interdiscursividade, mas que o contrário não é verdadeiro. Por exemplo, quando a relação dialógica não se manifesta no texto, temos interdiscursividade, mas não intertextualidade. (Fiorin, 2006, p. 181).

Faraco (2006) aponta para essa mesma distinção ao extrapolar o interdiscurso aos limites do texto, entendendo a interdiscursividade como uma multiplicidade de vozes dentro do discurso, materializada, ou não, em um campo textual. Recorremos ainda a Cesare Segre (apud Reis, 1995, p. 184) que condiciona a intertextualidade às relações entre textos e o interdiscurso às mais diversas conexões mantidas entre diferentes enunciados, quer sejam orais ou escritos.

Orlandi (2001) aponta ainda para o fato de que o interdiscurso é todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos, e Pêcheux (apud Koch, 1997, p. 47) lembra-nos que o discurso se estabelece sempre sobre um discurso prévio, o que

nos leva a considerar conhecimentos prévios do sujeito, sua interação e sua forma de recepção quanto a discursos anteriores; todo esse cabedal de informações será materializado em um discurso posterior, como se de fato fosse novo.

Assim, depreende-se que todo discurso ancora-se em uma proposição quase inconsciente do sujeito, uma vez que carrega enunciações ideológicas profundamente arraigadas em sua formação, remetendo a vozes precedentes. Novamente é Pêcheux ((apud Koch, 1997, p. 168) quem determina que o discurso caracteriza-se pela retomada do já dito, tendo o sujeito a ilusão de que sabe e controla tudo o que diz.

A título de suporte aos conceitos estabelecidos acima, analisaremos alguns casos práticos a fim de consolidar as diferenças teóricas mencionadas.

Tomemos como base um trecho do Hino Nacional Brasileiro:

Do que a terra mais garrida

Teus risonhos, lindos campos têm mais flores,

"Nossos bosques têm mais vida",

"Nossa vida" no teu seio "mais amores"

Há, no trecho citado, tanto intertextualidade quanto interdiscursividade. A intertextualidade ocorre na medida em que o texto dialoga explicitamente com uma das mais famosas poesias de nossa literatura: a canção do exílio, de Gonçalves Dias.

Minha terra tem palmeiras,

Onde canta o Sabiá;

As aves, que aqui gorjeiam,

Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,

Nossas várzeas têm mais flores,

Nossos bosques têm mais vida,

Nossa vida mais amores.

O autor, Joaquim Osório Duque Estrada, cita de forma literal os versos de Gonçalves Dias. Partindo do pressuposto de que toda intertextualidade comporta em si a interdiscursividade, depreende-se que há, no mesmo trecho, uma elocução enunciativa que

aponta para fatores históricos, sociais e ideológicos. Claramente, o autor incita o interlocutor a atestar a exuberância da natureza brasileira, a vocação para a grandiosidade, as belezas naturais. Acrescente-se a isso toda a formalidade protocolar envolvida na enunciação do hino e tem-se um discurso tão arraigado no imaginário nacional que é propagado até os dias atuais.

Outro exemplo claro de interdiscursividade, em que se evidenciam questões ideológicas e históricas, remete ao famoso cartaz americano utilizado durante a Segunda Guerra Mundial.

Lembremo-nos de que ao papel ideológico presente no interdiscurso Koch (2000) postula que a interação social por meio da língua se dá pela argumentação e que através do discurso o homem tenta influir sobre o comportamento do outro e, consequentemente, atrás de todo e qualquer discurso há uma ideologia.

A figura do Tio Sam convocando os americanos à guerra foi um instrumento de forte apelo ideológico durante o período. Da mesma forma, os quadrinhos, o cinema, a literatura e diversos outros meios culturais reproduziam o discurso predominante de então, em que era imperativa a adesão de todos os americanos contra as forças nazistas.

Ao final da guerra, esse interdiscurso materializa-se também como intertexto, uma vez que o famoso cartaz passa a ser reproduzido para os mais diferentes propósitos, em forma de paródias, releituras, adaptações, etc, conforme demonstrado nos exemplos abaixo:

Entendendo-se a intertextualidade como uma forma de dialogismo entre discursos restrita ao âmbito textual e sabendo-se que o interdiscurso extrapola essa conceituação, vejamos um caso em que o interdiscurso é identificável, sem incorrer, necessariamente, em um diálogo intertextual.

Há em nossa sociedade uma histórica discriminação contra a mulher. Esse preconceito remonta a séculos passados e era visto como algo “normal” até meados do século XX. A

desigualdade social era gritante em todo o mundo. Por muito tempo, as mulheres não tiveram direito a votar e nem a frequentar curso superior. A generalização da situação feminina como eterna dona de casa, não habilitada a cumprir as mesmas funções executadas pelos homens e destinada a cargos secundários propagou-se por quase todo o séc. XX, ferindo o direito básico de igualdade. Aqui, cabe apontar o aspecto histórico-social do discurso, do qual afirmava Blikstein (1994, p. 45) que "o discurso, seja qual for, nunca é totalmente autônomo. Suportado por toda uma intertextualidade, o discurso não é falado por uma única voz, mas por muitas vozes, geradoras de muitos textos que se entrecruzam no tempo e no espaço".

A revista virtual "Vírus Planetário", em um artigo sobre propagandas machistas, traz um exemplo contundente de uma marca de carros da década de 50.

A partir do título, já se demonstra explicitamente o discurso machista predominante – "Agora sou livre". A imagem da esquerda mostra uma gaiola, como se a mulher fosse um bichinho de estimação a ser trancafiado. O texto define a sua "liberdade", ela agora pode fazer compras, visitas e passeios, ou seja, atividades fundamentalmente frívolas. Note-se que a palavra trabalho não aparece em nenhum lugar da imagem. A propaganda manifesta um discurso recorrente durante décadas passadas: a mulher como ser inferiorizado socialmente.

Neste ponto, retomamos Foucault que afirma ser o discurso

> [...] a conjunto de enunciados, na medida em que se apóie na mesma formação discursiva; ele é constituído de um número limitado de enunciados, para os quais podemos definir um conjunto de condições de existência; é, de parte a parte, histórico – fragmento de história, unidade e descontinuidade na própria história, que coloca o problema de seus próprios limites, de seus cortes, de suas transformações, dos modos específicos de sua temporalidade. (FOUCALT, apud GREGOLIN, 2004, p. 36)

As alterações discursivas atuais têm sua origem nas transformações sociais vividas da metade do século XX em diante. Desde o advento dos movimentos feministas nas décadas de 60 e 70, as mulheres lutam pela igualdade de direitos, e essa discriminação foi sendo gradativamente eliminada, ao menos de forma explícita, e atualmente parece encontrar-se de forma latente na sociedade ocidental.

Ainda assim, fragmentos desse discurso são repassados de geração a geração, constituindo um sujeito coletivo que retoma um interdiscurso dito "inconsciente", ecos de vozes predecessoras disseminados repetidamente. Basta observar esta outra propaganda de uma marca de automóveis, do ano de 2012 – bastante recente –, em que o mesmo interdiscurso se reapresenta: sob a aparência de querer parecer "moderno", o anúncio remonta àquele mesmo discurso sexista de décadas anteriores.

Ora, há de atentar-se ao interdiscurso implícito sob a forma de operadores argumentativos. Ao usar a expressão conjuntiva *também*, implicitamente o texto supõe que a prática de dirigir, ou mesmo dirigir bem, é um atributo próprio dos homens, relegando à mulher o anacrônico papel de dona de casa que, eventualmente, consegue feitos exteriores ao seu âmbito de ação.

A título de exemplificação, percebe-se a presença do interdiscurso, entretanto, não se pode afirmar categoricamente que há a presença da intertextualidade nestes dois últimos casos.

2. A RELAÇÃO QUADRINHOS-LINGUAGEM

2.1 Quadrinhos – Uma breve história

Tomando-se como base todo o referencial teórico proposto por Vergueiro (2005), traçaremos um conciso histórico sobre os quadrinhos e suas relações linguísticas.

A origem das histórias em formato de imagens remete à pré-história, período em que os ancestrais do homem já realizavam pinturas rupestres. As paredes das cavernas, em que se assinalavam figuras diversas, serviam como suporte para uma forma rudimentar de comunicação. Até o advento dos primeiros sistemas fonéticos, os símbolos e sinais primitivos eram responsáveis por ilustrar tudo aquilo que ocorria no mundo exterior.

Através da história sempre houve registros de imagens atreladas a alguma forma de escrita. Os desenhos em narrativa sequencial deram origem ao que se costumou chamar "tirinha" e surgiram com a popularização dos jornais diários, a partir da necessidade de se atingir leitores que buscavam histórias curtas e bem-humoradas.

A primeira tira que se tem notícia foi "The Yellow Kid", criação de Richard Felton Outcault, que apareceu pela primeira vez no ano de 1894. Pouco tempo depois, em 1897, os autores Rudolph Dirks e Bud Fischer criaram a tirinha "Os Sobrinhos do Capitão", em que introduziram pela primeira vez o uso dos balões para dar voz aos personagens.

Com a presença usual nos periódicos diários, surgiram dois modelos básicos de tirinhas: o sequencial e o cômico. Este tinha como propósito provocar humor, e a história se encerrava em, no máximo, cinco quadrinhos; enquanto aquele trazia um enredo a ser continuado na edição seguinte.

No Brasil, a partir da década de 1960, a tirinha apresenta duas vertentes: uma, que teve em Henfil seu principal representante, era mais voltada à sátira político-social, em virtude, principalmente, da resistência ao regime militar; e outra com uma face mais voltada ao entretenimento, cujo autor mais representativo é Maurício de Sousa.

De 1980 até os dias atuais, a tirinha tornou-se um gênero consolidado nas mais diversas mídias, evidenciando grandes nomes dos quadrinhos nacionais, tais como Angeli, Laerte, Glauco, Fernando Gonzales, Luis Fernando Verissimo, Miguel Paiva, etc.

2.2 Quadrinhos – Elementos composicionais

Em nossa abordagem sobre o universo dos quadrinhos, convém caracterizar algumas tipologias usuais presentes nas HQs: os balões, os tipos de letras, as legendas, os recursos onomatopeicos, os planos de enquadramento.

Balões: Os balões são responsáveis por transmitir informações por meio de suas formas e posições e são, normalmente, representativos do discurso direto. Uma série de convenções permite com que o leitor consiga estabelecer inferências a partir dos formatos dos balões e das linhas. Abaixo seguem algumas dessas convenções estabelecidas:

- Linha tracejada: voz baixa;
- Formato de nuvem: pensamento;
- Formato de zigue-zague (descarga elétrica): voz de aparelho mecânico;
- Rabicho para fora do quadrinho: voz externa;
- Rabicho ligado ao balão inferior: pausas na conversação;
- Rabicho em forma de bolinha: sonho, pensamento, reflexão.
- Múltiplos rabichos: várias personagens falando ao mesmo tempo.

Tipos de letra: A escolha da letra está diretamente ligada ao processo de leitura do interlocutor, permitindo com que o enunciador obtenha diferentes resultados conforme a letra escolhida.

- Maiúsculas em negrito: grito;
- Tremida: medo ou pavor;
- Tipologia diferente: outro idioma.

Legenda: Representa a voz do narrador, normalmente onisciente, que situa o leitor no tempo e espaço; Na maioria das vezes, aparece na parte superior da tirinha em um espaço quadrado.

Uso de onomatopeias: Recurso utilizado à exaustão por representar os sons por meio de diversos caracteres alfabéticos.

Planos de enquadramento:

- Plano geral ou panorâmico: Amplo, permite uma visão geral da imagem.
- Plano total ou de conjunto: Foco nas personagens.
- Plano americano: As personagens são retratadas a partir da altura dos joelhos.
- Plano médio ou aproximado: As personagens são retratadas a partir da altura da cintura.
- Primeiro plano: As personagens são retratadas a partir da altura do ombro.
- Plano de detalhe ou close-up: Foco no rosto das personagens.

Todas essas convenções costumam ser reconhecidas pelos alunos desde o início do letramento, uma vez que muitos deles têm como primeira leitura a arte dos quadrinhos, alguns ainda antes de entrar na escola.

2.3 Quadrinhos – O uso em âmbito pedagógico

Atualmente, tornou-se costumeiro o uso dos quadrinhos no âmbito educacional, sob as mais diversas formas: enunciados de questões, material de apoio, recortes, trechos de livros didáticos, etc. Essa disseminação tornou-se mais perceptível a partir do final dos anos 1990 e, desde então, converteu-se em prática corrente.

Para o nosso estudo, partimos da premissa de que os quadrinhos representam um universo muito rico a ser explorado pelos alunos, quer seja pela linguagem, quer seja pela representação visual e simbólica, pois, na era da informação, na qual unidades elocutivas de diferentes naturezas inter-relacionam-se em busca de sentido, o aluno deve estar apto a elaborar uma leitura de mundo a partir das múltiplas linguagens envolvidas nos processos comunicativos. Cabe ao professor efetuar a mediação necessária para que o aluno encontre tal aptidão e consiga estabelecer o discernimento crítico proposto pela linguagem dos quadrinhos.

Com tal facilidade de trânsito entre os mais jovens, o gênero passa, então, a ser utilizado em praticamente todas as disciplinas estudadas durante o ensino médio. Mais ainda, por meio de um efetivo projeto pedagógico, pode-se trabalhar o gênero em um modelo transdisciplinar e interdisciplinar.

A título de exemplo, tomemos como base um famoso personagem criado pelo belga Hergé: Tintim, o intrépido fotógrafo que percorre o mundo em suas aventuras. Em qualquer um de seus títulos, poderiam ser trabalhados importantes aspectos interdisciplinares:

Geografia: As ambientações, as características dos povos, a paisagem, a cultura, os costumes representados, etc.

Matemática: A partir dos elementos próprios dos quadrinhos, trabalhar conceitos matemáticos fundamentais como representação do espaço, escala, visão vertical e oblíqua, geometria, etc.

Artes: a disciplina por excelência dos quadrinhos. Conceitos como perspectiva, anatomia, luz e sombra, cores, composição, etc.

História: Aspectos da vida social do passado, registros de época, ambientação histórica, estudo de regimes políticos, etc.

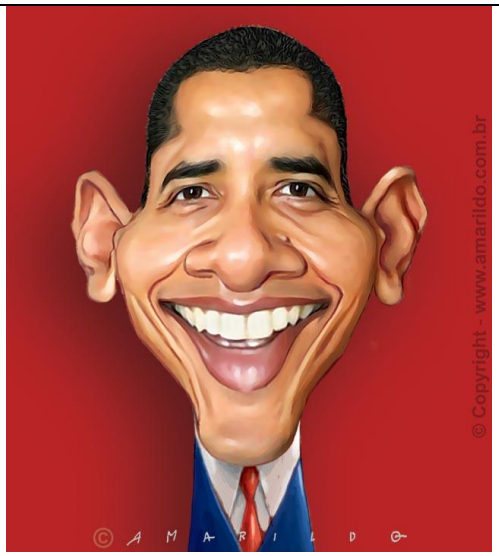
Língua portuguesa: Nosso objeto de estudo. Conceitos como variação linguística, adequação/inadequação, depreensão de sentidos pelo contexto, intertextualidade, adequação idiomática, polissemia, relação sentido/significado, aspectos da oralidade, diferenças entre fala e escrita, aspectos estilísticos, etc.

2.4 Tipos de quadrinhos

Convém lembrar que as histórias em quadrinhos assumem diferentes feitios conforme o resultado esperado pelo enunciador. As formas de mais rápido acesso e visualização por parte dos alunos são a tirinha, a charge, a caricatura e o cartum – todas com aspectos enunciativos distintos.

A caricatura trabalha com a imagem de personagens reais ou fictícios, tendo como proposta o exagero na representação a fim de obter o efeito humorístico.

Observem-se os casos abaixo. No primeiro, o cartunista se atém à protuberância dos dentes do jogador Ronaldinho Gaúcho, enquanto no segundo ocorre a representação exagerada do queixo e das orelhas de Barack Obama. Em ambos os casos, o objetivo pretendido é o mesmo: dar destaque a determinada parte da aparência de uma personalidade a fim de se atingir o efeito humorístico.



A charge distingue-se das demais formas de quadrinhos por ser elaborada em um determinado contexto enunciativo, no qual prevalece um fato, principalmente político, ocorrido em uma época específica, identificável pelo interlocutor. Fora desse plano, não raro, a charge perde a sua força interlocutiva. Portanto, a contextualização se faz necessária para que os resultados comunicativos sejam efetivamente estabelecidos.

Tomemos como exemplo o caso abaixo.

A imagem apresenta uma crítica feroz ao presidente Médici, representante do período mais duro dos chamados anos de chumbo – a ditadura militar no Brasil. Fora de seu contexto

histórico, além de requerer maior poder de assimilação por parte do interlocutor, a charge perde parte de sua força.

Já o cartum, embora, assim como a charge, tenha como forma representativa um único quadrinho, difere desta por apresentar aspectos atemporais, podendo ser identificável sem a plena contextualização enunciativa.

No cartum abaixo, ocorre a representação crítica de uma faceta comum no país – a falta de água no nordeste brasileiro. Não é preciso que se contextualize temporalmente a questão, haja vista ser um problema praticamente atemporal.

Comumente, as tirinhas têm como função primária provocar humor e, não raro, trazem aspectos críticos implícitos ainda mais importantes do que a função de causar riso. Em geral, a tirinha é composta por três quadrinhos simétricos, em que a personagem principal nomeia a história. As personagens secundárias são bem definidas, quase sempre estereotipadas, representando os tipos mais diversificados da sociedade.

O gênero tirinha firmou-se como o mais utilizado nos enunciados de questões de língua portuguesa, basicamente, pelos seguintes motivos: sua fácil assimilação visual, fazendo com que o interlocutor se adapte facilmente ao exigido; o espaço reduzido de que precisa para ser disponibilizado; o uso do humor; a familiarização do gênero pelo público-leitor desde a infância; a popularidade que adquiriu ao ser veiculado por jornais e revistas há muitas décadas, etc.

3. SELEÇÃO DO *CORPUS*

ANÁLISE DIACRÔNICA DO ENEM – PROVA DE LINGUAGENS, CÓDIGOS E SUAS TECNOLOGIAS

ANO	Qtde. de questões	Qtde. questões contendo quadrinhos no enunciado
1998	16	0
1999	16	1
2000	16	2
2001	16	3
2002	16	2
2003	16	1
2004	16	3
2005	16	4
2006	16	0
2007	16	1
2008	16	2
2009	45	3
2010	40	2
2011	40	2
2012	40	3
2013	40	3

Parece-nos pertinente demonstrar, por meio desse quadro comparativo, a importância que os enunciados envolvendo quadrinhos têm nos exames do Enem.

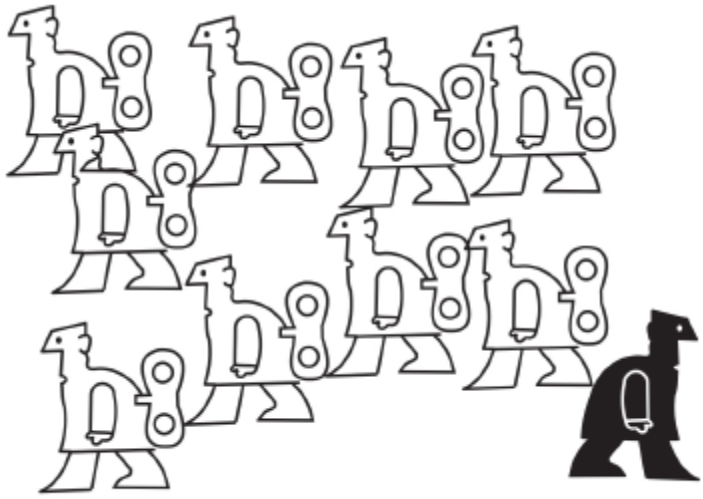
Verifica-se, nos últimos anos, uma ocorrência regular dessas questões, quer seja em termos quantitativos, quer seja em qualitativos (grau de dificuldade). Caso fôssemos analisar a prova como um todo, verificaríamos que essa regularidade se mantém em todas as disciplinas. Ou seja, o estudo da linguagem mista – quadrinhos e texto – é de extrema importância ao candidato.

Conforme explanado anteriormente, restringiremos nossa pesquisa a uma seleção de questões propostas nos exames do ENEM nos últimos dez anos. Essa amostra irá compor o nosso *corpus*, do qual faremos ainda um recorte das questões envolvendo o uso de quadrinhos, compondo assim um *corpus* de natureza qualitativa.

4. ANÁLISE DO *CORPUS*

ANÁLISE 1 – ENEM 2013

Questão 107



CAULOS. Disponível em: www.caulos.com. Acesso em 24 set. 2011.

O cartum faz uma crítica social. A figura destacada está em oposição às outras e representa a

A) a opressão das minorias sociais.

B) carência de recursos tecnológicos.

C) falta de liberdade de expressão.

D) defesa da qualificação profissional.

E) reação ao controle do pensamento coletivo.

Gabarito: E

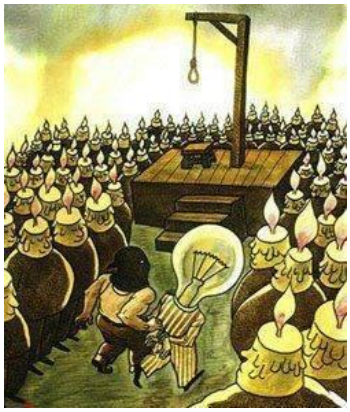
Análise interdiscursiva:

Já foi dito que o cartum tem como ponto principal a crítica sócio-política. Na questão mencionada, o autor estabelece um contraponto entre as figuras sem cor que tomam todas a mesma direção e a figura pintada de preto que vai na direção contrária. Com isso, indica a importância de cada indivíduo permanecer firme em determinada opinião, ainda que vá de encontro à opinião da maioria estabelecida.

Isto no transporta a um recurso interdiscursivo social muito expressivo – a questão de ser diferente, aqui no sentido de ser original.

Convém recordar que a concepção de ser diferente, conforme demonstra a história, já foi alvo de muita intolerância. Basta lembrar a Idade Média, quando a Igreja Católica, utilizando seu imenso poder de então, criou a Inquisição para perseguir aqueles que eram contrários à sua doutrina. Na época, milhares de pessoas foram acusadas de apresentar problemas psiquiátricos e, posteriormente, condenadas à morte na fogueira. Um dos casos mais famosos ocorreu com o cientista Galileu Galilei, que teve que reconsiderar sua teoria de que a Terra era redonda.

O cartum abaixo demonstra bem o que significava pensar diferente em outras épocas.



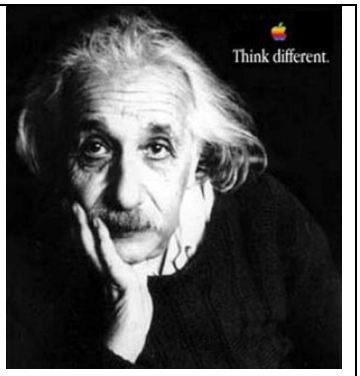
No entanto, é sabido que um mesmo discurso tem incríveis variâncias históricas e regionais.

Nesse sentido, retomamos Foucault ao se referir ao interdiscurso como:

> [...] a conjunto de enunciados, na medida em que se apóie na mesma formação discursiva; ele é constituído de um número limitado de enunciados, para os quais podemos definir um conjunto de condições de existência; é, de parte a parte, histórico – fragmento de história, unidade e descontinuidade na própria história, que coloca o problema de seus próprios limites, de seus cortes, de suas transformações, dos modos específicos de sua temporalidade. (FOUCALT, apud GREGOLIN, 2004, p. 36)

Assim, através dos tempos, a noção de pensar de modo diferente adquiriu outros contornos. À medida que a ciência avançava, pessoas extraordinárias destacavam-se pelo modo singular de pensar e agir.

Lembremo-nos da máxima de Nelson Rodrigues: “Toda unanimidade é burra”. Não à toa, o lema da Apple, uma das maiores empresas do planeta, é “Pense diferente”, como demonstrado nas propagandas abaixo.

As exemplificações acima constituem um discurso reiterado pelo cartum. Essa rejeição ao pensamento grupal apresenta um conjunto de ideias que dialogam no tempo e em diferentes contextos sociais. Esse discurso sobre a capacidade daqueles que pensam de modo diferente é bastante utilizado no discurso publicitário, assim como no jornalístico, uma vez que uma das premissas do bom texto é ser o mais original possível, evitando os clichês e as frases feitas.

Dessa forma, o cartum remete a esses elementos, levando interlocutor a considerar a heterogeneidade do sujeito, a refletir sobre o arbítrio do pensamento individual como forma de expressão e, em sentido mais amplo, a refutar o pensamento coletivo acrítico.

ANÁLISE 2 - ENEM 2013

Questão 120

Pelas características da linguagem visual e pelas escolhas vocabulares, pode-se entender que o texto possibilita a reflexão sobre uma problemática contemporânea ao

A) criticar o transporte rodoviário brasileiro, em razão da grande quantidade de caminhões nas estradas

B) ironizar a dificuldade de locomoção no trânsito urbano, devida ao grande fluxo de veículos.

C) expor a questão do movimento como um problema existente desde tempos antigos, conforme frase citada.

D) restringir os problemas de tráfego a veículos particulares, defendendo, como solução, o transporte público.

E) propor a ampliação de vias nas estradas, detalhando o espaço exíguo ocupado pelos veículos nas ruas.

Gabarito: B

Análise interdiscursiva

Um exame categórico da arquitetura do mundo moderno. Como de hábito, o cartum pauta-se pela crítica político-social. O autor utiliza a interdiscursividade tomando como base uma máxima de Parmênides de Aleia, filósofo grego da época de 500 a.C., considerado pela Filosofia como o pensador do imobilismo universal. Para Parmênides, o ser era imutável, imóvel.

Entendendo-se a intertextualidade como um dos aspectos da interdiscursividade, conforme preconizado por Fiorin:

> [...] a intertextualidade fica reservada apenas aos casos em que a relação discursiva é materializada em texto. Isto significa que a intertextualidade pressupõe sempre uma interdiscursividade, mas que o contrário não é verdadeiro. (Fiorin, 2006, p. 181)

deparamo-nos com uma situação habitual de nos servir de um dito popular, um provérbio ou uma máxima como alicerce para a crítica apresentada.

Sabe-se que o trânsito é um dos piores transtornos das grandes metrópoles. Explicitamente, o quadrinho mostra uma estrada completamente travada – uma cena típica em época de feriados. A tirinha revela um interdiscurso sócio-político de contestação, suscitando

no leitor, quase que automaticamente, um sentimento de indignação. Ao deparar-se com a questão da mobilidade urbana, um problema mundial, persistente há décadas nas grandes cidades, o interlocutor, de modo geral, executa a reflexão mais corriqueira e estabelece a relação imediata entre a problemática apresentada e a obrigatoriedade de resolução por parte do governo vigente.

Em muitas ocasiões, o próprio interlocutor, via de regra, isenta-se de culpa, como se ele mesmo não contribuísse para o agravamento do problema viário. Nota-se ainda uma tentativa latente de resolução do caso exposto – ou, ao menos, promover uma reflexão visando a possíveis soluções.

Cabe ressaltar ainda que, embora a citação não venha a ser entendida por todos os interlocutores, uma vez não ser ela de cunho estritamente popular, o entendimento da mensagem é possível de ser atingido, dada a contundência dos aspectos visuais do quadrinho.

Assim, novamente temos uma questão interdiscursiva que remonta a conceitos antigos, disseminados pelos meios os mais diversos – neste caso, a ineficiência do poder público em resolver problemas em grande escala.

ANÁLISE 3 – ENEM 2013

Questão 125

A tirinha denota a postura assumida por seu produtor frente ao uso social da tecnologia para fins de interação e de informação. Tal posicionamento é expresso, de forma argumentativa, por meio de uma atitude

A) crítica, expressa pelas ironias.

B) resignada, expressa pelas enumerações.

C) indignada, expressa pelos discursos diretos.

D) agressiva, expressa pela contra-argumentação.

E) alienada, expressa pela negação da realidade.

Gabarito: A

Análise interdiscursiva:

Uma questão atualíssima, que já comporta um interdiscurso, embora recente, bastante frequente – a ideia de que o mundo tecnológico moderno subtrai a verdadeira identidade das relações sociais.

A tirinha estabelece o sentido do humor através de uma formação discursiva decorrente do uso da ironia – abaixo da descrição de cada quadrinho ocorre a negação da mensagem. No primeiro quadrinho, a personagem renega a sua condição e se passa por um modelo com mais aceitação do ponto de vista social. No segundo, parte de uma condição de que uma suposta facilidade de informações é suficiente para obtenção de conhecimento, e no terceiro, estabelece um comportamento que vem se tornando cada vez mais comum nos dias atuais, o distanciamento físico nas inter-relações pessoais.

O texto dialoga com uma das características da sociedade contemporânea: a composição de uma "persona" ideal, que luta por causas humanitárias e é quase desprovida de defeitos. A disseminação desse discurso não é exclusividade da sociedade contemporânea, embora tenha adquirido muito mais relevância nela. "À mulher de César não basta ser honesta, tem de parecer honesta", já se dizia na Roma antiga. Um interdiscurso recorrente e que é base de uma da falácia, pois se trata da configuração de uma sociedade do parecer e não do ser.

Neste ponto, lembramos Courtine e Marandin:

> O interdiscurso consiste em um processo de reconfiguração incessante no qual uma formação discursiva é conduzida [...] a incorporar elementos pré-construídos produzidos no exterior dela própria; a produzir sua redefinição e seu retorno, a suscitar igualmente a lembrança de seus próprios elementos, a organizar a sua repetição, mas também a provocar eventualmente seu apagamento, o esquecimento ou mesmo a denegação (COURTINE & MARANDIN, 1981 *apud* BRANDÃO, 2004, p. 45*).*

Assim, o interdiscurso atua de forma diferente conforme a visão do interlocutor e, ao mesmo tempo, apresenta traços comuns a qualquer interlocutor. A princípio, a própria negação demonstrada na tirinha será apresentada pelo interlocutor, que, de certa forma, identifica esse comportamento nas outras pessoas, não em si próprio.

A tirinha cumpre com seu papel de crítica, estabelecendo um interdiscurso recorrente: as profundas transformações sociais e comportamentais provenientes do advento de novas tecnologias; assim foi com a Revolução Industrial, com a chegada do rádio, com o surgimento da televisão e, agora, com a internet e as tecnologias atuais.

ANÁLISE 4 - ENEM 2013

Questão 96

Disponível em: www.ivancabral.com. Acesso em: 27 fev. 2012.

O efeito de sentido da charge é provocado pela combinação de informações visuais e recursos linguísticos. No contexto da ilustração, a frase proferida recorre à

A) polissemia, ou seja, aos múltiplos sentidos da expressão “rede social” para transmitir a ideia que pretende veicular.

B) ironia para conferir um novo significado ao termo “outra coisa”.

C) homonímia para opor, a partir do advérbio de lugar, o espaço da população pobre e o espaço da população rica.

D) personificação para opor o mundo real pobre ao mundo virtual rico.

E) antonímia para comparar a rede mundial de computadores com a rede caseira de descanso da família.

Gabarito: A

Análise interdiscursiva:

Uma análise interdiscursiva da questão proposta deve levar em consideração o gênero escolhido. Por se tratar de uma charge, costumeiramente há uma crítica social embutida.

Uma questão atualíssima por trazer um termo na ordem do dia: rede social. Com o advento da internet, as redes sociais tornaram-se um importante canal de interação social. Por meio delas, as pessoas conversam, anotam compromissos, paqueram, se exibem, etc., estabelecendo uma relação de compartilhamento jamais vista na história.

Uma das maiores críticas sofridas pelas redes sociais refere-se à ideia de que elas passam a imagem de um mundo perfeito, uma visão idealizada que a pessoa tem de si mesma, como se sua vida virtual fosse um modelo de felicidade. Ora, mesmo uma análise superficial já comprovaria que essa visão é completamente distorcida e equivocada. Não nos cabe aqui emitir juízo de valor, e sim verificar de que forma essa ilusão de felicidade, já quase senso-comum, é tratada na charge.

A charge nos traz uma família muito grande – 10 pessoas – em condições, aparentemente, muito precárias, dividindo uma única rede de dormir. A polissemia da palavra será o meio com o qual o autor emite sua crítica, uma vez que o termo “rede social”, em seu sentido conotativo, carrega o símbolo ilusório da prosperidade, da felicidade, do bem-estar, e a charge alude ao sentido denotativo do termo, uma rede real sendo compartilhada por pessoas reais. O sentido de humor reside, justamente, nessa questão polissêmica, pois o interlocutor, acostumado atualmente ao significado conotativo da expressão, depara-se com seu sentido denotativo.

O interdiscurso só pode ocorrer à medida que o enunciado encontre ecos desse discurso em seu interlocutor. Assim, reconhecer a polissemia dos termos e identificar a reflexão crítica proposta pelo autor passam a ser mais importantes do que qualquer ponto meramente gramatical da questão. Trata-se, portanto, de fazer com que a tirinha provoque o que está além do texto, que invoque certo conhecimento de mundo. Como afirmam Passarelli e Cintra (2012):

> [...] se usarmos uma tira para apenas trabalhar algum tipo de perspectiva metalinguística, por exemplo, "circule os adjetivos presentes na história", deixando de lado o efeito de sentido gerado pela escolha do autor por aquele adjetivo e/ou efeito de humor desencadeado justamente por essa escolha, estaremos apenas acentuando a problemática (descontextualização).

Passa-se, assim, a compreender o interdiscurso como a miríade de significações proposta pelo texto em consonância com os conhecimentos pré-adquiridos por seu interlocutor.

ANÁLISE 5 – ENEM 2012

Questão 99

LAERTE. Disponível em: http://blog.educacional.com.br. Acesso em: 8 set. 2011.

Que estratégia argumentativa leva o personagem do terceiro quadrinho a persuadir sua interlocutora?

A) Prova concreta, ao expor o produto ao consumidor.

B) Consenso, ao sugerir que todo vendedor tem técnica.

C) Raciocínio lógico, ao relacionar uma fruta com um produto eletrônico.

D) Comparação, ao enfatizar que os produtos apresentados anteriormente são inferiores.

E) Indução, ao elaborar o discurso de acordo com os anseios do consumidor.

GABARITO: E

Análise interdiscursiva:

O convencimento do interlocutor por meio da argumentação indutiva é um interdiscurso historicamente presente nas mais diversas formas de comunicação.

A historinha demonstra explicitamente elementos intertextuais e, consequentemente, interdiscursivos. Ela nos remete ao antigo conto de fadas da Branca de Neve. Como é de conhecimento prévio de quase toda criança, a personagem Branca de Neve, na história clássica, cai em sono profundo após comer uma maçã envenenada ofertada por uma maquiavélica bruxa.

A tirinha apresenta, em seus dois primeiros quadrinhos, tentativas malogradas de persuadir a princesa a aceitar a fruta, subvertendo, assim, a história original – Branca de Neve não se deixa convencer por uma simples maçã, é necessário que outra estratégia argumentativa seja posta em prática. Daí a entrada de outro personagem oferecendo, além da maçã, a possibilidade da obtenção de um celular. Desse modo, aludindo a elementos cobiçados do mundo tecnológico, a tirinha reflete a postura consumista típica da sociedade contemporânea.

A questão remete-nos a Koch (2000), ao afirmar que "... através do discurso o homem tentar influir sobre o comportamento do outro", dessa forma a interdiscursividade presente no quadrinho estabelece de imediato uma ligação entre o personagem masculino responsável pela venda – um profissional especialista em marketing – com a imagem perpetuada no mundo da publicidade. Subliminarmente, estabelece-se uma prerrogativa de que o consumidor não necessita imprescindivelmente do produto, basta que se efetue a abordagem apropriada na hora de se finalizar a transação.

O antigo provérbio "a propaganda é a alma do negócio" também se faz presente nos aspectos interdiscursivos da tirinha. Sendo o mercado consumidor cada vez mais exigente, são necessárias estratégias argumentativas aliadas ao oferecimento de brindes a fim de se alavancar as vendas e compelir o consumidor a comprar determinado produto, como demonstrado na questão analisada.

Trata-se, assim, de mais uma questão proposta pelo ENEM que apresenta aspectos interdiscursivos aliados a aspectos da vida moderna, tendo como pano de fundo elementos provavelmente reconhecíveis por parte do aluno.

ANÁLISE 6 – ENEM 2013

Questão 119

Nessa charge, o recurso morfossintático que colabora para o efeito de humor está indicado pelo(a)

A) emprego de uma oração adversativa, que orienta a quebra da expectativa ao final.

B) uso de conjunção aditiva, que cria uma relação de causa e efeito entre as ações.

C) retomada do substantivo "mãe", que desfaz a ambiguidade dos sentidos a ele atribuídos.

D) utilização da forma pronominal "la", que reflete um tratamento formal do filho em relação à "mãe".

E) repetição da forma verbal "é", que reforça a relação de adição existente entre as orações.

Gabarito: A

Análise interdiscursiva:

Aspectos interdiscursivos por meio de máximas e provérbios parecem ser recorrentes nos quadrinhos apresentados no ENEM. Como visto em análises prévias no presente estudo, a questão altera e/ou amplia um provérbio popular ou uma máxima histórica, relacionando-o a aspectos visuais, com o intuito de estabelecer o sentido de humor.

Na charge, o personagem evoca a máxima de que a preguiça é a mãe de todos os vícios. Tal citação é, comumente, utilizada quando se pretende rechaçar o desânimo e praticar uma atitude oposta, repleta de energia e vitalidade. Porém, o personagem adota uma postura que exalta o ócio e fundamenta sua opção por meio de uma hierarquia semântica exibida na oração – a presença da palavra mãe no enunciado.

A questão remete-nos a um interdiscurso histórico-linguístico sobre a representação materna. Já na Bíblia havia a preocupação em "honrar pai e mãe", conforme preconiza um dos dez mandamentos, ou ainda, o conselho do Rei Salomão "Não deixes os ensinamentos de tua

mãe", entre outros. A este papel emblemático da mãe como símbolo histórico a ser respeitado alia-se a acepção de raiz, origem, fonte geradora. Daí o seu uso frequente, de modo metafórico, para a caracterização de conceitos abstratos, conforme visto em diversos provérbios mundo afora: "o fracasso é a mãe do sucesso", "A noite é a mãe dos pensamentos", "O achar é a mãe de todos os erros", e este que talvez seja o mais famoso de todos "a preguiça é mãe de todos os vícios", com sua variante "a preguiça é a mãe de todos os males".

Aproveitando-se do prisma polissêmico da palavra "mãe", a charge brinca com esses conceitos ao representar o personagem seguindo à risca o sentido literal do enunciado, adotando uma postura ociosa e justificando sua opção devido ao respeito que se deve ter com uma mãe.

ANÁLISE 7 – ENEM 2010

Questão 96

BESSINHA. Disponível em: http://pattindica.files.wordpress.com/2009/06/bessinha458904-jpg-image_1245119001858.jpeg (adaptado).

As diferentes esferas sociais de uso da língua obrigam o falante a adaptá-la às variadas situações de comunicação. Uma das marcas linguísticas que configuram a linguagem oral informal usada entre avô e neto neste texto é

a) a opção pelo emprego da forma verbal "era" em lugar de "foi".

b) a ausência de artigo antes da palavra "árvore".

c) o emprego da redução "tá" em lugar da forma verbal "está".

d) o uso da contração “desse” em lugar da expressão “de esse”.

e) a utilização do pronome “que” em início de frase exclamativa.

Gabarito: C

Análise interdiscursiva:

Embora a questão trate em seu enunciado de aspectos gramaticais da língua, há, claramente, no texto, a presença de um interdiscurso de conotação ambiental, mais precisamente a necessidade de preservação da natureza, assunto premente de nossa sociedade.

A charge apresenta uma pessoa idosa, dentro de um museu arqueológico, na Amazônia, mostrando a seu neto o aspecto de uma árvore. Na parte superior, lê-se o ano em que a cena ocorre: 2059. Depreende-se, pelo contexto, que já não mais existem árvores no planeta, e que elas são somente estudadas no livro de história.

À parte certo exagero proposital presente no texto, dada a proximidade da data, a charge expõe um discurso crítico recorrente há bastante tempo: a preocupação em se preservar o meio ambiente e as consequências desastrosas do desflorestamento em virtude da expansão urbana e da comercialização da madeira.

Há na charge um interdiscurso de cunho histórico-político-social. Conforme preconiza Blikstein (1994, p.45) o discurso é manifestado “por muitas vozes, geradoras de muitos textos que se entrecruzam no tempo e no espaço”. O desmatamento da Amazônia tem origem já na época do descobrimento, quando Portugal fazia do comércio do pau-brasil uma de suas fontes de riqueza. Perpetuando-se através dos anos, a questão do desflorestamento na região é um tema sempre discutido durante as campanhas eleitorais e, embora governantes de variados partidos tenham chegado ao poder, soluções definitivas ainda não foram providenciadas.

Sob uma perspectiva histórica, uma das principais ações contra o desmatamento foi a criação, em 1985, do Ministério do Meio Ambiente, com o objetivo principal de tratar da preservação da Amazônia. A partir de sua instituição, diversos programas ambientais foram introduzidos, desde programas de reflorestamento a campanhas de desenvolvimento sustentável. Ainda assim, anualmente a região apresenta índices alarmantes de devastação florestal, provocando indignação na opinião pública não só no Brasil, como no mundo todo.

Dessa forma, o interdiscurso de viés ambiental reflete-se de modo altamente crítico no gênero quadrinhos, como demonstrado nos exemplos abaixo:

Assim como nos exemplos acima, a charge presente na questão do Enem atua no leitor no sentido de conscientizar e provocar a reflexão, além de alertar sobre como a importância da preservação do meio ambiente é vital não só para o bom funcionamento dos ecossistemas, mas também para o próprio futuro da humanidade.

ANÁLISE 8 – ENEM 2010

Questão 122

Texto I

O chamado “fumante passivo” é aquele indivíduo que não fuma, mas acaba respirando a fumaça dos cigarros fumados ao seu redor. Até hoje, discutem-se muito os efeitos do fumo passivo, mas uma coisa é certa: quem não fuma não é obrigado a respirar a fumaça dos outros.

O fumo passivo é um problema de saúde pública em todos os países do mundo. Na Europa, estima-se que 79% das pessoas estão expostas à fumaça “de segunda mão”, enquanto, nos Estados Unidos, 88% dos não fumantes acabam fumando passivamente. A Sociedade do Câncer da Nova Zelândia informa que o fumo passivo é a terceira entre as principais causas de morte no país, depois do fumo ativo e do uso de álcool.

Disponível em: www.terra.com.br. Acesso em: 27 abr. 2010 (fragmento).

Disponível em: http://rickjaimecomics.blogspot.com. Acesso em: 27 abr.2010.

Ao abordar a questão do tabagismo, os textos I e II procuram demonstrar que

A) a quantidade de cigarros consumidos por pessoa, diariamente, excede o máximo de nicotina recomendado para os indivíduos, inclusive para os não fumantes.

B) para garantir o prazer que o indivíduo tem ao fumar, será necessário aumentar as estatísticas de fumo passivo.

C) a conscientização dos fumantes passivos é uma maneira de manter a privacidade de cada indivíduo e garantir a saúde de todos.

D) os não fumantes precisam ser respeitados e poupados, pois estes também estão sujeitos às doenças causadas pelo tabagismo.

E) o fumante passivo não é obrigado a inalar as mesmas toxinas que um fumante, portanto depende dele evitar ou não a contaminação proveniente da exposição ao fumo.

Gabarito: D

Análise interdiscursiva:

Os efeitos dos malefícios do cigarro para a saúde representam um interdiscurso de caráter social que, embora seja recente, ganhou definitivamente seu espaço nos diferentes tipos de mídia.

A questão do Enem principia com um texto demonstrando percentuais de fumantes passivos por todo o mundo. A seguir, o texto II apresenta uma charge para corroborar a tese explanada no texto anterior.

Na charge, aparecem dois personagens; o primeiro fuma tranquilamente um cigarro, em um espaço aparentemente fechado, enquanto o segundo, o fumante passivo, é retratado em situação de desespero por inalar a fumaça exalada no local. Há, implicitamente, um interdiscurso social que remete ao conceito de direitos e deveres. Entende-se como direito do não fumante permanecer em um local público sem ser exposto à fumaça do cigarro, e como dever do fumante respeitar a opção das demais pessoas.

Note-se que se trata de um discurso relativamente recente. A indústria do tabaco é conhecida por ter um desempenho bastante ativo no campo da propaganda. Durante as décadas de 1930 a 1950, o fumo era vinculado a uma imagem de sucesso, de status. Boa parte dessa visão charmosa do ato de fumar foi disseminada pelos filmes produzidos em Hollywood. Neles, a imagem dos astros era reiteradamente associada ao ato de fumar. A atuação da propaganda de cigarros também se fez bastante presente no ramo esportivo, principalmente quando famosas marcas de cigarro patrocinaram grandes equipes da Fórmula 1. Além disso, o lobby das indústrias do tabaco sempre foi bastante influente no Congresso Nacional, por isso, por muitos anos, os representantes dessas empresas conseguiram impossibilitar a aprovação de leis que impedissem a restrição de fumar em locais públicos.

No entanto, em meados da década de 1980, ocorre uma mudança de discurso. As questões de saúde tornam-se o centro das atenções, e medidas restritivas começam a ser mais frequentes, atendendo não só aos pedidos da classe médica, mas também aos anseios da opinião pública. O cerco aos fumantes torna-se, assim, um discurso recorrente, e medidas legais restritivas espalham-se por diversos países do mundo. No Brasil, campanhas educativas e preventivas vêm sendo repetidamente efetuadas pelo Ministério da Saúde, como, por exemplo, a criação, em 1986, do Dia Nacional de Combate ao Fumo, realizado todos os anos

no dia 29 de agosto. Em 1987, a OMS – Organização Mundial da Saúde – cria o Dia Mundial sem Tabaco, celebrado anualmente no dia 31 de maio.

As charges, bastante críticas como de hábito, refletiram o descontentamento da opinião pública em relação aos fumantes passivos, como pode ser demonstrado nos seguintes casos:

Nos quadrinhos acima, reitera-se a questão do fumante passivo. Na primeira charge, a fumaça forma a imagem de um monstro que ataca os não fumantes. Na charge seguinte, um personagem tem que andar com altos pés de madeira para fugir da fumaça que cerca o ambiente. Em ambos os casos, o interdiscurso contra o hábito de fumar é retomado.

Assim como os exemplos acima, a charge da questão do Enem recupera essa crítica ao tabagismo e leva o interlocutor a refletir sobre os malefícios do cigarro, além de conscientizá-lo sobre os direitos e deveres de cada cidadão em relação ao ato de fumar.

ANÁLISE 9 – ENEM 2007

Questão 10

Texto 1

Álcool, crescimento e pobreza

O lavrador de Ribeirão Preto recebe em média R$ 2,50 por tonelada de cana cortada. Nos anos 1980, esse trabalhador cortava cinco toneladas de cana por dia. A mecanização da colheita o obrigou a ser mais produtivo. O corta-cana derruba agora oito toneladas por dia.

O trabalhador deve cortar a cana rente ao chão, encurvado. Usa roupas mal-ajambradas, quentes, que lhe cobrem o corpo, para que não seja lenhado pelas folhas da planta. O excesso de trabalho causa a birola: tontura, desmaio, cãibra, convulsão. A fim de agüentar dores e cansaço, esse trabalhador toma drogas e soluções de glicose, quando não farinha mesmo. Tem aumentado o número de mortes por exaustão nos canaviais.

O setor de cana produz hoje uns 3,5% do PIB. Exporta US$ 8 bilhões. Gera toda a energia elétrica que consome e ainda vende excedentes. A indústria de São Paulo contrata cientistas e engenheiros para desenvolver máquinas e equipamentos mais eficientes para as usinas de álcool. As pesquisas, privada e pública, na área agrícola (cana, laranja, eucalipto etc.) desenvolvem a bioquímica e genética no País.

"Folha de S. Paulo" 11/3/2007 (com adaptações)

Texto 2

Confrontando-se as informações do texto com as da charge acima, conclui-se que

A) a charge contradiz o texto ao mostrar que o Brasil possui tecnologia avançada no setor agrícola.

B) a charge e o texto abordam, a respeito da cana-de-açúcar brasileira, duas realidades distintas e sem relação entre si.

C) o texto e a charge consideram a agricultura brasileira avançada, do ponto de vista tecnológico.

D) a charge mostra o cotidiano do trabalhador, e o texto defende o fim da mecanização da produção da cana-de-açúcar no setor sucroalcooleiro.

E) o texto mostra disparidades na agricultura brasileira, na qual convivem alta tecnologia e condições precárias de trabalho, que a charge ironiza.

Gabarito: E

Análise interdiscursiva:

Há na tirinha a presença de um interdiscurso de caráter sócio-econômico-ideológico. Conforme preconizado por Koch (2000), atrás de todo e qualquer discurso há uma ideologia. A charge reflete, entre outras questões, a luta de classes e o abismo social em que se encontra a maioria dos trabalhadores do campo.

Na parte de cima da charge, lê-se o título "Álcool: o mundo de olho em nossa tecnologia"; abaixo, é mostrado um grupo de trabalhadores em péssimas condições de trabalho. Todos estão sentados no chão, à hora do almoço, e um deles textualmente afirma ter vergonha de comer com as mãos. A questão do Enem traz como apoio um texto do jornal Folha de S. Paulo que reafirma as condições precárias dos trabalhadores, mas que também traz como contraponto a informação de que a indústria da cana-de-açúcar passa pelo seu período de maior sucesso quanto à exportação, além de destacar os avanços da área tecnológica para o setor.

Assim, estabelecem-se as contradições presentes no setor sucroalcooleiro: de um lado as más condições de trabalho dos agricultores; de outro, o crescente lucro das empresas do setor. Em reportagem recente, o mesmo jornal trazia uma matéria em que eram relatadas as situações degradantes pelas quais passavam os cortadores de cana-de-açúcar. Por viverem em condições de miséria, os trabalhadores sujeitam-se a condições aviltantes à saúde e à

dignidade. No mesmo ano da charge em questão, 2007, foram resgatadas 3.117 pessoas das usinas de cana em virtude da configuração de trabalho semiescravo. A partir do momento em que o etanol passou a ser uma das principais fontes de exportação do país, houve um aumento expressivo do cultivo da cana-de-açúcar e, consequentemente, as empresas do setor ampliaram o efetivo de empregados, porém sem respeitar a legislação trabalhista vigente.

Assim como exposto na questão do Enem, diversas charges retrataram de modo crítico a semiescravidão e as infames condições de trabalho a que eram submetidos os trabalhadores rurais do setor canavieiro, como demonstram os exemplos abaixo.

Na primeira charge, há uma espécie de capataz, com um chicote na mão, ameaçando dar chibatadas nos trabalhadores rurais – prática da época da escravidão. O sentido de humor decorre da ironia entre o texto e a imagem.

Na charge seguinte, uma nova crítica ao modelo de semiescravidão ao mostrar um paralelo entre a situação de um trabalhador canavieiro do século XVIII e um atual. Nas legendas, a constatação de que nada se alterou no tratamento dado aos cortadores de cana.

Sabendo-se que o interdiscurso atua de forma a resgatar a consciência sócio-ideológica de seu interlocutor, as charges incitam o leitor a refletir de forma crítica sobre os aspectos da produção canavieira, e, num sentido mais amplo, sobre as condições do trabalhador rural em executar o seu ofício.

ANÁLISE 10 – ENEM 2005

Questão 10

A situação abordada na tira torna explícita a contradição entre a

A) relações pessoais e o avanço tecnológico.

B) inteligência empresarial e a ignorância dos cidadãos.

C) inclusão digital e a modernização das empresas.

D) economia neoliberal e a reduzida atuação do Estado.

E) revolução informática e a exclusão digital.

Gabarito: A

Análise interdiscursiva:

Como demonstrado em análises prévias, as mudanças advindas do uso da tecnologia são temas frequentes nos quadrinhos das questões do ENEM.

A charge mostra o espanto de um dos personagens em verificar que ainda existem corporações em que uma ligação telefônica não seja atendida por uma máquina. É cada vez mais comum o procedimento de se colocar uma secretária eletrônica para receber as ligações em uma empresa, embora o número de reclamações contra esse tipo de prática seja bastante frequente, haja vista as empresas de telefonia serem as campeãs de reclamações no Procon (Orgão de Proteção e Defesa do Consumidor) em virtude da demora no atendimento automático.

É Bakhtin (1992), novamente, quem atenta para o aspecto sócio-histórico no interior do discurso. A questão traz implicitamente uma faceta interdiscursiva recorrente e crescente no mundo moderno: a contínua substituição de seres humanos por máquinas na execução de tarefas aparentemente repetitivas. Tarefas que anteriormente eram executadas pelos humanos podem facilmente ser efetuadas por uma máquina, como por exemplo, a função de telefonista exposta pela charge.

Do ponto de vista histórico, não se trata de um discurso novo. Desde a Revolução Industrial, no século XVIII, tornou-se comum a substituição de tarefas humanas por máquinas automáticas. E desde aquela época também, o desemprego decorrente dessa prática sempre surge no centro dos debates político-sociais. As pessoas nascidas no século XXI provavelmente desconhecem profissões bastante comuns até algumas décadas, tais com datilógrafo, engraxate, telegrafista, digitador, etc.

Implicitamente, esse interdiscurso não traz propriamente aspectos negativos; antes, trata-se de um discurso já assimilado pelo imaginário coletivo, principalmente, nos dias atuais, em que novos equipamentos tecnológicos surgem em uma rapidez impressionante. Parece ser consensual na sociedade a necessidade de uma determinante participação dos poderes público e privado na recapacitação e realocação dos trabalhadores cujas profissões tenham sido eliminadas.

Na mesma velocidade em que antigas funções extinguem-se, outras novas surgem, próprias das transformações tecnológicas de cada época. Dessa forma, como mostra a história, cabe à própria sociedade saber fazer as adaptações necessárias ao seu tempo.

ANÁLISE 11 – ENEM 2005

Questão 25

As tiras ironizam uma célebre fábula e a conduta dos governantes. Tendo como referência o estado atual dos países periféricos, pode-se afirmar que nessas histórias está contida a seguinte ideia:

A) Crítica à precária situação dos trabalhadores ativos e aposentados.

B) Necessidade de atualização crítica de clássicos da literatura.

C) Menosprezo governamental com relação a questões ecologicamente corretas.

D) Exigência da inserção adequada da mulher no mercado de trabalho.

E) Aprofundamento do problema social do desemprego e do subemprego.

Gabarito: A

Análise interdiscursiva:

Novamente há a presença da interdiscursividade sócio-ideológica nas tirinhas apresentadas nas questões do Enem.

Na primeira tirinha, de Henfil, há um diálogo entre os personagens Bode Orelana e Graúna. No primeiro quadrinho, aparece a declaração “toda hora somos pisados pelos governantes”, o que assinala uma retomada de discursos previamente incutidos no interlocutor, a saber, a nomeação de uma entidade geral detentora do poder, o governo, sendo responsável por uma ação de menosprezo ante a população, indicado pela metaforização do termo “pisar”. No segundo quadrinho, novamente ocorre a presença de um discurso ideológico, no qual é referenciada a questão dos direitos das mulheres. O sentido de humor é produzido no último quadrinho, em que o personagem do bode retoma a palavra pisar em seu sentido literal e introduz o inusitado direito das mulheres pisarem nos homens, ressaltando, assim, a sua feminilidade.

Na segunda tirinha, ocorre a retomada do discurso sócio-ideológico antigovernista. Um dos personagens faz alusão à conhecida fábula da cigarra e da formiga, estabelece uma analogia da condição da formiga com a classe trabalhadora, e produz o sentido de humor ao alterar o rumo final da história. Ao passo que a formiga consegue poupar alimentos na história original, na alusão ela é destruída por uma pisada.

São inúmeras as charges que remetem a esta interdiscursividade que retrata a postura de descaso dos governantes em relação ao povo, como demonstrado, a título de exemplificação, nos casos a seguir:

Na primeira charge, ocorre a crítica ao descaso do governo em relação à educação de modo geral. O sentido de humor decorre da alteração de sentido gramatical da frase (a identificação do sujeito), valendo-se da polissemia da palavra sujeito. Já na segunda charge, é criticada a falta de apoio à área da saúde. O humor é estabelecido ao mostrar um personagem como uma caveira, em virtude da eterna espera por atendimento médico em um hospital.

Desse modo, a charge presente no Enem retoma aspectos interdiscursivos intrinsecamente enraizados no ideário popular: a noção arraigada de que todos os governos, de qualquer época ou região, estão mais interessados em beneficiar a si próprios do que proporcionar o bem-estar da população.

ANÁLISE 12 – ENEM 2005

Texto 1

(QUINO. O mundo da Mafalda. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 3)

Texto 2

Sonho Impossível

Sonhar
Mais um sonho impossível
Lutar
Quando é fácil ceder
Vencer o inimigo invencível
Negar quando a regra é vender
Sofrer a tortura implacável
Romper a incabível prisão
Voar num limite improvável
Tocar o inacessível chão
É minha lei, é minha questão
Virar esse mundo
Cravar esse chão
Não me importa saber
Se é terrível demais
Quantas guerras terei que vencer
Por um pouco de paz
E amanhã se esse chão que eu beijei
For meu leito e perdão
Vou saber que valeu delirar
E morrer de paixão
E assim, seja lá como for
Vai ter fim a infinita aflição
E o mundo vai ver uma flor
Brotar do impossível chão.

(J. Darione – M. Leigh – Versão de Chico Buarque de Hollanda e Ruy Guerra, 1972.)

A tirinha e a canção apresentam uma reflexão sobre o futuro da humanidade. É correto concluir que os dois textos

A) afirmam que o homem é capaz de alcançar a paz.

B) concordam que o desarmamento é inatingível.

C) julgam que o sonho é um desafio invencível.

D) têm visões diferentes sobre um possível mundo melhor.

E) transmitem uma mensagem de otimismo sobre a paz.

Gabarito: D

Análise interdiscursiva:

A questão do ENEM apresenta um contraponto entre dois discursos: de um lado, o aspecto pessimista presente na tirinha; de outro, o otimismo presente na canção do texto 2.

Na tirinha, a personagem Mafalda constrói um aviãozinho com uma folha de jornal em que se lê como título “nova tentativa de desarmamento”. O humor decorre da tentativa malograda de voo do aviãozinho, estabelecendo uma analogia com as frustradas tentativas de desarmamento mundial.

A charge apresenta um discurso histórico-ideológico ao tratar do problema do desarmamento mundial. Desde a fundação da ONU, Organização das Nações Unidas, em outubro de 1945, logo após o término da Segunda Guerra Mundial, a questão do desarmamento tornou-se prioritária na política de segurança das grandes potências mundiais.

Dessa forma, várias ações em busca do desarmamento foram conduzidas pela ONU, como exemplos há o Tratado de Não-Proliferação de Armas Nucleares (TNP), em 1970, e o Tratado Abrangente de Proibição de Testes Nucleares, em 1996.

Ocorre aqui um grande paradoxo, pois as mesmas nações que solicitam a não proliferação de bombas continuam produzindo armas em grande escala, alegando ser isso necessário para a manutenção da paz.

O caso mais recente envolveu a nação iraniana, acusada pelos norte-americanos de produzir armas de destruição em massa, como retrata a charge abaixo:

Mais recentemente, em 2010, houve uma reunião intercontinental durante uma Assembleia Geral da ONU, em Nova Iorque, na qual compareceram líderes de 65 países. A reunião assim foi retratada pelo cartunista Angeli, no jornal Folha de São Paulo:

O problema da corrida armamentista configura-se como um assunto polêmico e complexo, cuja solução não se vislumbra em um futuro próximo. Portanto, o interdiscurso pela paz presente na tirinha é recorrente há muitas décadas e traz implicitamente um desejo, mais ainda, uma esperança de que as futuras gerações não precisem conviver com a iminência de uma nova guerra mundial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa procurou investigar a recorrência e a variância interdiscursiva nas questões aplicadas em vários anos do Enem que foram elaboradas com textos-base na ordem dos quadrinhos, delimitados neste estudo por tirinhas, cartuns e charges, propostas pelo Enem, além de tentar estabelecer a temática recorrente nessas mesmas questões. Para tanto, coube-nos assinalar as distinções conceituais entre os diversos tipos de quadrinhos, definir a base teórica adequada e, por fim, analisar um número apropriado de questões a fim de se identificar a presença dos mais variados interdiscursos nos recortes selecionados.

Assim, explorar os quadrinhos nas questões do Enem e estabelecer inferências, reconhecer aspectos discursivos anteriores ao texto e interpretar de modo coerente suas implicações foram aspectos fundamentais nas análises interdiscursivas de nosso estudo.

O *corpus* da pesquisa teve como base questões do Enem entre os anos de 2004 e 2013, das quais foi efetuado um recorte dos textos envolvendo quadrinhos, caracterizando, assim, um *corpus* de natureza qualitativa. Ressalta-se, ainda, a importância do Enem, – uma vez que, segundo o Ministério da Educação, a prova tornou-se uma das maiores do país, totalizando, no ano de 2013, mais de sete milhões de alunos inscritos. Tal dimensão do exame, naturalmente, o qualifica como objeto frequente de estudos acadêmicos.

Igualmente importante é o estudo dos gêneros atinentes ao universo dos quadrinhos, haja vista a sua grande disseminação nos enunciados de questões de língua portuguesa nas últimas décadas – basicamente, pelos seguintes motivos: sua fácil assimilação visual; o espaço reduzido de que precisa para ser disponibilizado; o uso do humor; a familiarização do gênero pelo público-leitor desde a infância; a popularidade que adquiriu ao ser veiculado por jornais e revistas há muitas décadas, etc.

Várias foram as relações interdiscursivas apontadas na pesquisa, tais como o interdiscurso político-social; a presença da fábula e da citação, direta ou indiretamente, estabelecendo aspectos intertextuais em mais de uma das questões analisadas; o interdiscurso ideológico; o interdiscurso de cunho ambiental; as transformações sociais face aos avanços tecnológicos; o interdiscurso indutivo; as mudanças nas relações interpessoais em virtude do aparecimento das redes sociais; o interdiscurso de caráter econômico; a relação do discurso com aspectos históricos, etc.

E, entre todos esses aspectos analisados nas questões, o presente estudo levou-nos a perceber claramente a recorrência predominante do interdiscurso político-social. As conotações implícitas nos quadrinhos constituíram críticas contundentes aos governos, de modo geral, e às atitudes da sociedade, em particular, acentuando, sob a aparente superfície humorística dos textos, uma categórica faceta de criticidade.

Considerando o público-alvo do Enem – geralmente alunos recém-formados no Ensino Médio, que ainda estão em fase de formação –, parece-nos compreensível esta tendência em priorizar interdiscursos que remetam à ética e à integridade, o que nos leva a considerar certa intencionalidade latente em promover nos jovens vestibulandos uma reflexão sobre o seu papel na sociedade, assim como sobre sua carreira universitária e, consequentemente, sobre a responsabilidade em formar opiniões.

Desse modo, acreditamos que a pesquisa cumpriu com sua pretensão ao identificar as inter-relações das HQs com os mais diversos tipos de interdiscursos, quer sejam sociais, políticos, históricos ou ideológicos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Gustavo Cunho; COSTA, Mauricio Alves; COSTA, Evânio Bezerra. *As histórias em quadrinhos na educação: possibilidades de um recurso Didático-Pedagógico.* Revista Eletrônica de Ciências Humanas, Letras e Artes. Uberlândia, n. 2, p. 26-27. Julho/dezembro 2008. Disponível em:

<http://www.mel.ileel.ufu.br/pet/amargem/amargem2/estudos/MARGEM1-E31.pdf.> acesso em 21 de junho de 2013.

BAKHTIN, M.M. *Estética da criação verbal*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BARBOSA A., VERGUEIRO W., RAMA A., RAMOS P. *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2012.

BEAUGRANDE, R. *New Foundations for a Science of Text and Discourse,* 1997. Disponível em: <http: //www.beaugrande.com/new_foundations_for_a_science.htm.> acesso em 20 de outubro de 2013.

BLIKSTEIN, Izidoro. *Intertextualidade e polifonia*. In: Barros, Diana Luz Pessoa de; Fiorin, José Luiz (org.). Dialogismo, polifonia e intertextualidade. São Paulo: Edusp, 45–48, 1994.

BRANDÃO, H. H. N. *Introdução à Análise do Discurso*. Campinas, São Paulo: Unicamp, 1995.

_____. *Sobre a noção de interdiscursividade*. In: Introdução à análise do discurso. 7 ed. São Paulo: Unicamp, 2004.

CINTRA, Anna Maria Marques e PASSARELLI, Lílian Ghiuro. *Leitura e produção de texto*. São Paulo: Blucher, 2012.

CHARAUDEAU, Patrick e Maingueneau, Dominique. *Dicionário de Análise do Discurso*, São Paulo, Contexto, 2004.

FARACO, C. A. *Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin.* 2ª. Ed. - Curitiba: Edições Criar, 2006.

FIORIN, José Luiz. *Polifonia textual e discursiva*, in Barros, Diana L. de Pessoa e Fiorin, J.L. (orgs.), Dialogismo, Polifonia e Intertextualidade, São Paulo, EdUSP, 2003.

_____. *Linguagem e Ideologia.* São Paulo: Ática, 2003.

_____. *Interdiscursividade e Intertextualidade*. In: BRAIT, B. (org.) Bakhtin: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2006

GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. *O enunciado e o arquivo: Foucault (entre)vistas.* In: SARGENTINI, Vanice; NAVARRO-BARBOSA, Pedro (Orgs.). Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder, subjetividade. São Carlos: Claraluz, 2004.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *O texto e a construção de sentidos*. São Paulo: Contexto, 1997.

_____. *Argumentação e linguagem*. São Paulo: Cortez, 2000.

_____. *Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas*. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. Tradução de Cecília P. de Souza-e-Silva, Décio Rocha. 5. Editora São Paulo: Cortez, 2002.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção Textual, análise de gêneros e produção.* São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MENDONÇA, Rosa Helena. *História em quadrinhos: em recurso de aprendizagem*. In Salto para o Futuro, Ano XXI Boletim 01 – Abril 2011. Disponível em: <tvbrasil.org.br/fotos/salto/series/181213historiasemquadrinhos.pdf> acesso em 20 de novembro de 2013.

ORLANDI, Eni P. *Análise do Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, Pontes, 2001.

_____. *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos.* 3 ed. São Paulo: Pontes, 2008.

POSSENTI, Sírio. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 1996.

REIS, Carlos. *O conhecimento da literatura: introdução aos estudos literários*. Coimbra, Almedina, 1995.

VERGUEIRO, W. *A linguagem em quadrinhos: uma "alfabetização" necessária.* In: RAMA, Ângela & VERGUEIRO, W. Como usar a história em quadrinhos na sala de aula. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2005.